

17-06-2020

OS MORTOS DO BRASIL

Ricardo Fernandes Gonçalves

[Doutor em Geografia. Prof. Univ. Est. Goiás. Pesquisador do Grupo PoEMAS - Política, Economia, Mineração, Ambiente e Sociedade]

E na minha frente continuava o folheto sobre a mesa: febre tifoide, 6; difteria, 2; coqueluche, 2...

Sim, eu voltava aos mortos de Manaus.

Ou melhor, os mortos de Manaus voltavam a mim, rígidos, contados pelas estatísticas, transformados apenas em números e nomes de doenças.

(Rubem Braga)

A epígrafe acima, extraída da crônica *Os mortos de Manaus*, publicada nos anos 1930 por Rubem Braga (1913-1990), expõe em narrativa literária o que o boletim estatístico insistia em dizer para o escritor: as estatísticas dos desconhecidos pobres-mortos de Manaus exibem as mazelas que tombam corpos humanos e os transformam em nomes de doenças e números. Números que silenciam a idade, a cor da pele, a classe social e o trabalho de cada pessoa morta por diarreia, tuberculose, coqueluche, sarampo... Números que insistem em quantificar, apenas, sem explicar que tantos corpos fracos, famintos e raquíticos desabam mortos de tanto tremer, tossir e cambalear na vala da pobreza. Números que quantificam sem dizer que em cada morte há a assinatura do Estado por não universalizar saúde pública, saneamento básico e vigilância em saúde do trabalhador.

Nos últimos meses, devido à Pandemia da Covid-19, os números de mortos no Brasil passaram a preencher páginas e páginas de boletins estatísticos diários publicados nos jornais impressos e digitais. Os números de mortos, acompanhados por Covid-19, esse nome estranho, desfilam na tela dos computadores, celulares e televisão.

Diariamente, nas manhãs, tardes e noites, lá estão eles - os números - frios, estáticos, sem cores, sem histórias, sem lembranças, sem músicas, sem poesias e sem amores. Todavia, de pessoas que se foram e viveram amores, cantaram, escreveram poesias e declamaram versos; deixaram filhos, pais e mães em cujos olhos continuam jorrando oceanos de saudade. Saudade, essa palavra dos dicionários de língua portuguesa e das emoções que nós brasileiros conhecemos bem. E por mais que se tente desviar os olhos dos números nos jornais em busca de uma crônica de Rubem Braga ou uma estrofe de Drummond, eles insistem em quantificar os mortos do Brasil. Os mortos do Brasil pela Covid-19, abaixo estão eles, quantificados, cronometrados por minutos e até competitivos e recordistas: *“Brasil bate recorde de novas mortes e total de óbitos passa de 30 mil”* [FOLHA DE SÃO PAULO, 02/06/2020]; *“Com 1.473 mortes registradas em 24h, país passa Itália e supera 34 mil óbitos”* [FOLHA DE SÃO PAULO, 04/06/2020]; *“Acidente de trânsito, 1 morte a cada cerca de 17 minutos; câncer, 1 morte a cada cerca de 3 minutos; doenças cardiovasculares, 1 morte a cada cerca de 2 minutos;*

covid-19, 1 morte por minuto” [FOLHA DE SÃO PAULO, 04/06/2020]; *“Brasil ultrapassa 40 mil mortos por Covid-19”* [FOLHA DE SÃO PAULO, 11/06/2020]. Os mortos do Brasil são tantos que até os números parecem soluçar de tristeza e cansaço. Mas, não se pode esquecer que em cada um deles lá está - mesmo que aparentemente sombreada - a assinatura do Estado e do Governo brasileiros.

Cúmplices do desastre da disseminação descontrolada da Covid-19 no território brasileiro, cúmplices das grandes empresas, dos bancos e dos bilionários do país que continuam lucrando. Há, portanto, na crescente estatística dos mortos do Brasil, a rubrica desses mercadores da morte, perspicazes como a “máphia” descrita por José Saramago no livro *As intermitências da morte*. Logo, se é para manter os lucros, por distintos malabarismos autoritários com deliberação presidencial, os membros da “máphia” tentam até nublar os números dos mortos do Brasil. Escondê-los “para o bem do país”, chega a dizer o chefe da “máphia”. Ainda assim, por distintos veículos de comunicação os mortos do Brasil continuam contados, publicados em folhetins estatísticos, transformados em números e nomeados conforme a doença, Covid-19. Diante da insistência crescente dos números dos mortos do Brasil, apresentamos uma ideia: tornar o Diário Oficial da União em Diário Biográfico Oficial dos Mortos do Brasil. Nele, cada morto do Brasil por Covid-19, seu nome, sua história e até seus sonhos converterão em matéria pública de interesse nacional. Nas publicações diárias, no lugar de listas numéricas, leis, decretos, contratos, editais..., o leitor identificará histórias biografadas, poesias em prosa ou versos, dedicações de saudade, amizade, amor e solidariedade.

Numa das páginas terão fotografias de mãos que tatearam em vida as artesanias do trabalho e do carinho. No Diário Biográfico Oficial dos Mortos do Brasil, milhares de páginas minuciarão densas trajetórias de vida. Para o preenchimento dessas páginas, cada escritor será convocado por decreto solidário.

E por intermédio de seu belo ofício, transformará as histórias dos mortos do Brasil em crônicas exuberantes. Os músicos também serão convocados por decreto solidário, e a eles será incumbida a tarefa de compor melodias que serão transmitidas em todas as rádios do país. Os jornalistas usarão seus expedientes diários e lerão ao vivo, para conhecimento de todos os brasileiros, as crônicas das vidas anônimas que se tornam mortes anônimas ou estatísticas. É, assim, contra as vidas anônimas que se tornam mortes anônimas que as desigualdades sociais serão extintas e o analfabetismo também será eliminado do país. Todos terão direito a viver e a morrer com dignidade; e todos terão direito a ler as biografias das vidas que embarcaram, sem retorno, no trem para um país desconhecido.

continua

| | |
|--|---|
| <p>Com efeito, todos constatarão que pessoas não são números, pessoas são músicas de todos os estilos e que provocam choros, sorrisos e danças em distintos ritmos; pessoas são poemas escritos em versos e estrofes rimados no calor dos abraços da mãe; pessoas são florestas de criatividades; pessoas são bibliotecas com milhões de livros preenchidos com biografias trágicas, dolorosas, alegres e românticas; pessoas são estações de primaveras, nas quais floresce em solo fértil, a amizade, a solidariedade, a coragem, a indignação e a luta contra os que vilipendiam as trabalhadoras e os trabalhadores.</p> | <p>Finalmente, todos descobrirão que os mortos do Brasil não são “números e nomes de doenças”, como disse o grande cronista Rubem Braga; são pessoas que ao continuarem morrendo por Covid-19, deixam o país e a humanidade menores, pois, são irmãs e irmãos que partem. ■ ■ ■</p> <p>Referências</p> <ul style="list-style-type: none">■ BRAGA, Rubem. 200 crônicas escolhidas: as melhores de Rubem Braga. 21.ed. Rio de Janeiro: Record, 2004.■ SARAMAGO, José. As intermitências da morte. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. |
| <p><i>OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.</i></p> | |